

ta coisa atingiu a sua realidade, muitas teses foram discutidas e tantas outras controvérsias levantadas. Mas ésses progressos da arte literária não invadiram a obra do abade Vincent, muito menos a de Mário Fubini, que, num *symposium* sobre os problemas e orientações críticas de língua e literatura italianas (in *Tecnica e Teoria Letteraria*, Milão, 1948), dissertou com grande conhecimento de causa sobre a "Genesi e storia dei generi letterari" (págs. 161-237).

É para admirar que ainda na Europa se desconheçam os pontos de chegada dos notáveis congressistas de Lião, quando em nossa Faculdade, há quase 10 anos, a cadeira de Literatura Portuguesa vem tornando familiar aos seus alunos essas conquistas da ciência moderna da literatura. A teoria dos gêneros literários do abade Vincent está ainda comprometida com as idéias de Brunetière, que hoje estão superadas, embora o discípulo de Darwin tenha trazido uma grande contribuição para o estudo dos gêneros literários e se tenha batido por um tratamento científico da matéria. Os gêneros não são — como pretendia Brunetière — realidades objetivas como são as realidades do mundo natural. Por isso mesmo, uma das teses mais importantes do Congresso de Lião foi a do crítico húngaro Johan Hankiss, que defendeu a base psicológica dos gêneros literários. O gênero, embora evolução, não possui uma vida própria, porque o seu destino está equacionado à sensibilidade do artista e às variações da moda. Não é um ser vivo, que nasce, cresce, atinge a sua plenitude e decai; mas filho do mais profundo subjetivismo humano. Charles Lalo pecou também pelo excesso com que acreditou na influência dos fatôres anatômicos na transformação e na distinção dos gêneros literários. Para ele o destino deste fenômeno literário está sob a influência quase exclusiva dos fatos sociais.

Didático, rico de idéias pessoais, o trabalho de Vincent, senão vertido, devia servir de modelo para a elaboração de um congênere em língua portuguesa, para atender a uma necessidade do ensino no curso colegial e mesmo nos cursos superiores de letras. Está claro: não seria uma tradução, porque o arcabouço doutrinário deveria passar pelo sopro flamíneo de um fôrno de revérbero: os pontos de chegada da moderna ciência da literatura.

S. SPINA.

---

FREIRO (Eduardo). — *Como era Gonzaga?* Publicação da Secretaria da Educação de Minas Gerais. Imprensa Oficial. Belo Horizonte. 1950. 73 pp.

Vem esta brochura de 73 páginas tentar o restabelecimento do verdadeiro retrato de Gonzaga através de depoimentos contemporâneos e de raras notas autobiográficas, colhidas nas poesias do famoso Dirceu. Dificilmente se convencerão os leitores de que este seja o verdadeiro retrato de Gonzaga porque não há verdade capaz de destruir o que a imaginação criou e a lenda consagraram definitivamente. Além disto, aquêle perfil padecente e romântico do verdadeiro amante de Marília foi criado espiritualmente, através das impressões literárias de sua obra e este, que ora nos dá E. Frieiro, é feito das notas materiais, físicas, somáticas, — sendo impossível conciliá-las. O talento transfigura os corpos e que mais disformes que sejam, aparecem transformados ante os olhos do espírito. Júlio Ribeiro foi um dos homens mais feios do seu tempo e casou-se, já velho, viúvo e pobre, com Dona Belizária, a mais bela paulista da época. Perguntando-lhe eu como fôra possível tal casamento, explicou-me Dona Belizária muito simplesmente: Júlio quando falava, tinha tanto talento que se tornava o homem mais bonito do mundo! Assim se passou com Gonzaga: podia ter sido barrigudinho, atarracado, de estatura meã, bastante calvo, vaidoso e preocupado com nuguices de trajes e ademanhes, como nô-lo descreve Frieiro; mas as suas liras, o seu doloroso romance, a sua imaginação o transformam aos nossos olhos em excelsa figura que nenhum esforço histórico, em-

bora talvez mais perto da verdade, conseguirá modificar. A tudo isto acrescenta-se o tom desdenhoso e caricato das páginas de Frieiro que sómente serve para antipatizá-lo com o leitor e dar-lhe a pensar que um certo sentimento de desprêzo o levou a traçar essa tentativa de reconstrução fisionômica de Gonzaga. O desleixo do escrito é outro ponto fraco deste autor que tem merecido não pequenos gabos da crítica nacional. Não sei porque teria escrito, no prefácio, Abguar Renault estas palavras que acho descabidas: "Com este volume, que tanto tem de exiguo quanto de admirável, etc.". De exíguo, sim; de admirável... só para os que nasceram em noite de lua cheia.

SILVEIRA BUENO.

MENDES (Renato da Silveira) — *Paisagens culturais da Baixada Fluminense*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Boletim n. 110 — Geografia, n. 4. S. Paulo, 1950. 172 págs., 17 mapas, 4 gráficos, 108 fotos.

A reconquista da Baixada Fluminense constitui indubitavelmente um dos mais empolgantes temas da geografia humana e econômica brasileira. Região que concentrou um dos povoamentos mais antigos do nosso país, tão importante no início da era colonial quanto Bahia e Pernambuco como centro de atração do elemento europeu, a Baixada Fluminense "até meados do século XVIII era uma verdadeira síntese do Brasil colonial: os engenhos e currais, ou a agricultura e a pecuária, que no Nordeste estavam tão distanciados que chegaram a formar tipos diferentes de civilização, no litoral fluminense se localizavam bem próximos. A partir de 1750, aproximadamente, a cultura da cana de açúcar passou a dominar quase que exclusivamente, relegando para plano inferior outras atividades econômicas, principalmente a pecuária, imprimindo à região uma certa uniformidade na paisagem rural". Região açucareira permaneceu até os nossos dias a planície campista, enquanto que as demais áreas da Baixada sofreram terrível decadência da qual só em princípio deste século, ou mais precisamente, nos últimos 25 anos, conseguiu ressurgir, graças aos trabalhos de saneamento ali realizados pelo governo federal.

Tão palpitante assunto vem há muito merecendo a atenção do prof. Renato da Silveira Mendes, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Tendo realizado diversas excursões à região com o objetivo de apreciar "in loco" os seus problemas, assenhoreando-se, ainda, de valiosa documentação histórica e de seguras informações sobre o presente, foi-lhe possível realizar o estudo e a interpretação das paisagens culturais dessa importante região na obra em aprêço, recentemente editada pela Faculdade a que pertence. Consta a obra de três partes: 1) Aspectos físicos e divisão regional da Baixada Fluminense; 2) As paisagens antigas; e 3) As paisagens modernas. Na segunda parte, em que o A. reconstitui e sintetiza de maneira muito feliz a história da Baixada Fluminense, são estudados o ciclo do açúcar e a paisagem nos fins do século XIX e princípios do século XX. A terceira parte compreende o estudo da ocupação do solo, da distribuição da população, das paisagens rurais das baixadas de Guanabara e de Santa Cruz, das planícies litorâneas e dos vales interiores e da região açucareira de Campos.

Inúmeras dificuldades (de muitas das quais fomos testemunhas) ofereceu ao A. a reconstituição das paisagens antigas. A falta de documentação, cartográfica principalmente, que torne possível conhecer o aproveitamento do solo e a distribuição da população no passado, não apenas na Baixada Fluminense, mas em qualquer região do país, constitui elemento capaz de levar ao desânimo o pesquisador que por tais caminhos entender enveredar-se. Soube o prof. Renato da Silveira Mendes vencer todas as dificuldades que o tema poderia oferecer, realizando acurada pesquisa histórica nos arquivos do Rio de Janeiro, servindo-se sobretudo de mapas, roteiros antigos, quadros estatísticos, manus-